


Afinal, onde estão vocês?¹

After all, where are you?

Bia Petrus

 0000-0002-8899-6353

biapetrus@gmail.com

Resumo

O artigo propõe uma reflexão sobre intervenções realizadas no jardim da Faculdade de Belas Artes da cidade do Porto, a partir da articulação entre os conceitos de utopia e de distopia, entendendo o espaço das ações ora como um produto da realidade utópica, ora como espaço cheio de contradições que minam a vivência cotidiana daqueles que ali transitam. Ao observar os efeitos dessas intervenções, entendidas como microações estético-políticas, pergunta-se: como o artístico e seus processos afetam contextos reais, transformando objetividades e subjetividades, numa ordem sensível e interferindo nas relações entre sujeitos e entre sujeito e espaço social? Se as questões emergentes, que nos colocam diariamente diante dos problemas que enfrentamos como humanidade e parte do sistema vivo sobre a superfície da Terra, parecem não estar presentes em alguns lugares do nosso cotidiano, como podemos torná-las visíveis?

Palavras-chave

Jardim. Intervenções. Utopia. Distopia.

Abstract

The article offers a reflection on interventions made to the garden of the Faculty of Fine Arts in the City of Porto, based on a combination of the concepts of utopia and dystopia, understanding that the area of the actions is full of contradictions undermining the daily experience of its visitors. On observing the effects of such interventions, intended as aesthetic-political micro-actions, the question is: How do art and its processes affect actual contexts, transforming the objective and subjective in a sensible order and interfering in the relations between subjects and between subject and social space? If the everyday questions about problems we face as human beings and part of the living system on the planet Earth, do not seem to be present in certain places of our daily life, how can we make them visible?

Keywords

Garden. Interventions. Utopia. Dystopia.

¹ O título do presente artigo foi inspirado/provocado pela pergunta “Aonde estão vocês?”, usada como nome da ação realizada no evento Fórum Cultura Cidade Um Direito #5, em 16 de dezembro de 2022, no jardim da Faculdade de Belas Artes do Porto (FBAUP). A pergunta foi usada pelos coletivos para evocar o movimento de evasão dos sujeitos da ação que se tornaram dissidentes da universidade, em sua maioria. No título “Afinal, onde estão vocês?” a autora cria uma tensão, a partir da modificação da primeira pergunta, com o intuito de cobrar uma posição de quem, na leitura, se sente interrogado.

Introdução

A partir de algumas ações realizadas no jardim da Faculdade de Belas Artes do Porto (FBAUP), vistas como incisões distópicas (Guerra, Dabul, 2020) numa ambiência “educativo-colonial”, propõe-se pensar “como” ou “se” as práticas artísticas estético-políticas, com caráter efêmero e circunstancial, constituem elas próprias matéria de intervenção social capazes de desestabilizar a realidade que atravessamos na vida cotidiana e com a qual compactuamos, mais especificamente num contexto educativo.

Todos nós podemos ativar os lugares-paisagens por onde nos movemos, vinculados a nossa rotina diária. Todos produzimos ações, porque “vivos” agimos. Trataremos de ações coletivas, que não devem se confundir com processo de criação artística, uma vez que pretendemos colocar em jogo as forças que essas ações ativam. As duas principais características constitutivas das ações que trazemos como exemplos

acontecem num jardim utópico dentro de um edifício branco elitista, racista, heteronormativo que se articula com a política dominante pautada na lógica antro-po-falo-ego-logo-heterocêntrica, regida pelo inconsciente colonial-capitalístico (Rolnik, 2018, p. 92), num contínuo constrangimento de outras existências;

são ações estético-políticas (28 de maio, 2017) que pretendem reagir-responder a experiências de “mal-estar” vividas no “jardim utópico”, conforme mencionadas por alguns participantes. Lugar opressor, de enorme desconforto, onde os corpos dissidentes se reconhecem em estado de atenção e de defesa cotidiana, o que demanda imenso esforço e constante posicionamento de resistência disciplinar.

Na primeira parte vamos contextualizar o lugar, a circunstância e a contingência dessas ações que serão apresentadas. Na segunda, pensaremos a partir da aproximação de imagens e textos que possam fazer germinar sementes de discussões, enquanto se prepara a terra para ser ocupada por outras existências das quais vamos falar na terceira parte.



Figura 1

Desnortear, intervenção realizada por Bia Petrus, no jardim da FBAUP, durante o VIII EPRAE em 21 maio 2021. Imagem de registro feita por Bia Petrus

As propostas que aqui se apresentam, resultam de um enorme esforço de combate à inércia, característica do período da pandemia, que interrompeu inúmeras iniciativas ainda a germinar. É o caso do Fórum Cultura Cidade | Um Direito, que promoveu dois encontros antes do período pandêmico e que foi neutralizado diante das ameaças de morte que todos compartilhamos. Ameaça que afetou a uns mais que a outros, se colocarmos em perspectiva as geografias de onde vêm os corpos que estão envolvidos nessas ações.

O Fórum foi retomado num momento em que já era possível pensar em juntar pessoas, durante 2021 e 2022, na faculdade de Belas Artes do Porto. Naquele momento, os jardins ganharam imensa importância como lugares de encontro. Tudo que se deu em forma de ações foi resultado da sobrevivência que conquistamos, diante dos riscos da pandemia, que afeta os corpos de forma desigual, dentro dos mecanismos que os privilégios e as desigualdades operam. No caso dos estudantes da FBAUP, acontecimentos da ordem do aumento das mensalidades, que atingiu de forma diferenciada estudantes portugueses e estrangeiros, exemplificam muito bem esses fatores. Situação que ainda se agrava, pois se deu num momento em que se manifestar como grupo era impedido pelo fato de não se poder juntar um número significativo de pessoas.

Para resistir a essa condição de vulnerabilidade, vivida na distopia pós-pandemia, tivemos que reconhecer a necessidade de aumentar o esforço de manter algo potente-diverso-vivo em andamento. Sabíamos o quanto era necessário nos manter em ação. Em que práticas? As práticas com as quais nós nos implicamos. Professores, artistas, pensadores, viventes animados pela necessidade-desejo de colocar em movimento o que foi estacionado pelos medos de perigos reais e imaginários.

Tratamos aqui especificamente de um jardim que integra os diversos pavilhões da Faculdade de Belas Artes do Porto, considerada “uma instituição de primeira referência para a história da cultura nacional”.² Os jardins foram projetados pelo arquiteto paisagista belga Florent Claes no final do século 19 e conservam ainda parte da estrutura original. Na segunda metade do século 20 incorporou um conjunto de esculturas de Barata Feyo, Lagoa Henriques, José Rodrigues e outros. A maior parte das árvores que lá se encontram foi trazida de fora de Portugal. O jardim, além de muito bem conservado, é agradável, cheio de sombras e recantos que ainda incorporam algumas frutíferas. Não há dúvidas de que as primeiras impressões de um visitante vão ao encontro de sentimentos de bem-estar e hospitalidade. A presença de pássaros e seu canto completam o cenário. O que aqui descrevemos, no entanto, é mantido cercado por grades, com portões que permanecem fechados, evitando a presença de *outros* corpos que transitam pela cidade.

A partir de ações de interferência no real, pretende-se investigar quais as imagens desse espaço reverberam na memória e na imaginação dos corpos daqueles que frequentam esse jardim, e permitem ir da fricção à ficção, do “mal-estar” ao desejo de tornar o lugar amistoso e, quem sabe?, capaz de promover a transformação de sujeitos e da paisagem. Pergunta-se: “o que está em jogo no jardim da FBAUP?”

² A classificação da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto reflete os critérios constantes do artigo 17 da lei n. 107/2001, de 8 de setembro. A zona especial de proteção do monumento agora classificado é fixada por portaria, nos termos do disposto no artigo 43 da mesma lei.

Os limites e os (des)encontros da vida-arte com a utopia e a distopia

Propomos, aqui, uma ligação teórico-conceitual entre o conceito de utopia, o conceito de distopia – como seu oposto – e as intervenções realizadas nos jardins da FBAUP na esteira da estética da redenção de Adorno (1976, 2003). Essa opção releva o imperativo crítico da arte na sociedade, demonstrando que a arte é mais do que entretenimento: “a arte participa no devir da sociedade e da cultura sempre como contraponto criativo reflexivo” (Guerra, 2020a, p. 393). Tomando as palavras de Paolo Bolaños (2007, p. 26),

A arte, nesse sentido, torna-se a nêmesis do conhecimento positivo dado como certo pela indústria cultural como seu patrono. Uma vez que a arte é uma crítica da ideologia, ela se torna uma revelação do real *status* da sociedade como distopia.³

Neste trajeto, pretendemos demonstrar que um espaço pode ser alvo de uma distopia sistêmica; estamos, na verdade, concretizando ilações sobre a vida cotidiana e sobre a sociedade, num vaivém cruzado entre um micro e um macro-olhar. Seguimos de perto a perspectiva de Japhy Wilson (2023), segundo a qual o apocalipse não deve ser evitado, mas deve ser matéria de agência cotidiana, pois a cidade já é apocalíptica na direção do que Evan Calder Williams (2011, p. 149) apelidou de apocalipse combinado e desigual do Antropoceno. Retomando Wilson (2023), devemos pautar nossa ação pela desconstrução das fantasias que escondem essa realidade apocalíptica, explorando a paisagem (pós)apocalíptica em busca de possibilidades utópicas: “No contexto de uma cidade (pós)apocalíptica realmente existente, a construção ativa de possibilidades utópicas dentro e a partir dos destroços só pode ser empreendida pelos habitantes subalternos da própria cidade”(p. 3).

Seguindo Ruth Levitas (2000) defendemos a ruptura de uma visionarista que tende a equacionar a utopia e a distopia como mero produto da ficção científica como gênero literário ou como dois polos opostos inconciliáveis. Adotando essa perspectiva de Levitas, nosso estudo assume-se determinante

³ Nessa e nas demais citações de originais em idiomas estrangeiros, a tradução é nossa. No original: *Inasmuch as art is a critique of ideology, it becomes a revelation of the real status of society as dystopia.*

por duas vertentes: a primeira prende-se ao fato de ele poder ser associado a uma visão utópica, ou seja, destacar-se por ser a materialização de significados do passado que, por conseguinte, são transpostos para o presente e para o futuro, tomando-o – em sua forma física – como produto de uma realidade utópica. Aqui, a utopia é a manifestação do desejo de um modo de ser melhor. Como tal, aparece como um conceito analítico e não descritivo (Levitas, 1990). A segunda vertente relaciona-se com a distopia como conceito lato, pois representa um espaço perigoso, cheio de contradições que minam a vivência cotidiana daqueles que nele se mesclam, mas também daqueles que dele são excluídos (Bourdieu, 1998). Nesse contexto, esta reflexão, sob forma de vaivém entre utopia e distopia, pode, de igual modo, ser entendida sob o prisma da viragem pós-moderna, dado que ela trouxe consigo várias transformações que envolvem “mais reflexividade provisória e utópica e acentuada mudança de ênfase na representação ou no conteúdo para ênfase no processo”⁴ (Levitas, 2000, p. 25).

Assim, e no entrecruzamento desta argumentação, entendemos que o jardim da FBAUP – como local da ação – nos auxilia no entendimento das aspirações utópicas e distópicas geradas pela sociedade portuguesa em geral, e pela portuense, em específico, pois nos faz desvelar outras questões, tais como o fechamento, as dificuldades de inserção, os modos de apropriação etc. Enfim, esses elementos, no âmbito de uma sociedade que parte da inclusão e da democratização, são deveras distópicos, porque nos remetem à existência de *outro* espaço. Pelo fato de se tratar de uma distopia, podemos, por outro lado, referir que ela representa *outra* forma de engajamento (Levitas, 2000), logo, podemos afirmar que o fato de se tratar de uma realidade e de um contexto distópico pressupõe questionamentos – o quê? por quê? como?, entre outros. A distopia é, então, um elemento causal de uma alteridade que questiona. Focalizando nossa análise na distopia crítica, Jameson (2005) enuncia que ela funciona como uma espécie de aviso ou de advertência, ao passo que a antiutopia provém de uma convicção bastante distinta sobre o fato de a natureza humana ser corrupta que nunca poderia ser salva.

⁴ No original: *a greater provisionally and reflexivity of the Utopian mode, and a marked shift from an emphasis on representation or content to an emphasis on process.*

Por oposição à utopia, Levitas (2000) refere a tendência a pensar na utopia como um projeto político totalitário, mas também como epítome de uma sociedade perfeita. Para atingir uma sociedade utópica, contudo, é necessário passar pela vivência da distopia, a fim de que possamos identificar quais são os malefícios que devem ser abordados e intervencionados. Ainda nessa lente, Wilson (2023) introduz nos seus estudos o conceito de “pluriverso” para retratar a distopia. Esse conceito surge com o intuito de descrever a interligação entre culturas, baseando-se na reafirmação dos mundos da vida e, nesse sentido, a FBAUP e seu jardim podem ser entendidos como um mundo da vida que, apesar de universalizante, pressupõe uma força mobilizadora de capitais e de capitais (Wilson, 2023, p. 2). Em complementaridade, autores como Danowski e Viveiros de Castro (2017) associam à utopia uma fé ingênua no progresso e, em paralelo, referem que existe inerente à utopia uma ideia de nostalgia, um sentimento de procura por algo que dificilmente será alcançado.

Já autores como Michael Laurence (2017) relegam à utopia o capitalismo e a dominação da natureza e, nesse interstício, o pluriverso de Wilson (2023), parte do ideal de que ambas as concepções podem ser combinadas. Nessa perspectiva, o autor, em vez de defender a utopia ou formular um discurso de “fantasia de fuga”, opta por “permanecer no espaço do próprio impasse e estar atento ao que vem à luz”⁵ (Wilson, 2023, p. 2), especificamente a visão de uma paisagem urbana e social apocalíptica. O apocalipse não é mais um evento futuro a ser evitado pela criação de outro mundo, mas uma catástrofe em câmera lenta que já está em curso e da qual não há saída. Nesse contexto, nosso objeto de estudo pode ser tido como uma paisagem urbana apocalíptica, “uma cidade no fim do mundo”⁶ (Wilson, 2023, p. 2).

Dessas tramas decorre uma dimensão utópica contraintuitiva sobre a forma como agentes sociais e corpos subalternos representam a cidade para si mesmos, apesar de suas condições (também elas) apocalípticas. Essa dimensão ressoa com as utopias negras, *queer* e selvagens e é visível na arte popular e na arquitetura das ruas da cidade do Porto, a partir de uma forma quase surrealista, “subcorrente emergente das ruínas”⁷ (Wilson, 2023, p. 4). Logo, nosso objeto de

⁵ No original: *remain in the space of the deadlock itself, and to be attentive to what comes to light.*

⁶ No original: *of a city at the end of the world.*

⁷ No original: *a subcurrent emerging from the ruins.*

estudo surge como um pano de fundo distópico sobre o qual se podem projetar utopias modernizadoras, isso porque, para muitos dos corpos subalternos, nesse espaço existe a possibilidade de criação de um espaço utópico e um lugar de refúgio.

Como lugar físico, nossa proposta de estudo tange os contributos de Annelie Ott (2022), dado que a autora explora a ligação entre a utopia e os processos de mudança, abordando o processo cognitivo subjacente à imaginação utópica, uma vez que supõe estar a necessidade de mudança no centro da sustentabilidade. Como referido pela autora, “utopia [é] entendida como a transformação imaginária da sociedade, implicando uma crítica da sociedade e sua reconstrução imaginária alinhada com o ideal de comunidades justas e prósperas” (p. 2) e além disso, o pensamento utópico – bem como o distópico, acrescentamos nós – torna-se importante como campo de exploração, uma vez que destaca questões fundamentais de justiça e igualdade no presente e fornece imagens de futuros alternativos (Papastephanou, 2018), além de reter a base para espaços de práxis, experimentação e práticas prefigurativas que desafiam e resistem a sistemas sociais injustos e insustentáveis, estilhaçando-os a partir do interior (Raffestin, 1993). Quer a utopia, quer a distopia, para além de ser realidades imaginadas, elas podem originar novos espaços de resistência e de mudança, e, desse modo, a práxis para esta exploração utópica e distópica deve repousar sobre a informação recuperada por alternativas, assim como “imagens sistêmicas mais complexas e abrangentes de realidades sociais e econômicas que formam e afetam as condições locais”⁸ (Ott, 2022, p. 3).

Na verdade, falar em utopia e em distopia implica abordar aspectos políticos e críticos dessas realidades que, por conseguinte, têm sido sub-representados no campo do pensamento futuro (Sack, 1986) originando, assim, tipologias de aprendizagem progressivas e transgressivas (Guerra, López, 2021). Ingrid Schudel (2017) inspirada pelo realismo crítico de Bhaskar e por sua noção de u/dis/topia concreta, desenvolve uma abordagem que reconhece a imaginação como parte vital da transgressão e o papel que ela desempenha para a perturbação e para a inovação, para a crítica e para a criatividade, para a interação entre indivíduos, grupos e sociedade, e como uma questão central de aprendizagem e mudança (Ott, 2022).

⁸ No original: *more complex and comprehensive systemic images of social and economic realities that form and affect local conditions.*

Podemos elencar aqui os trabalhos de Mariana Papastephanou (2018) sobre as experiências-limite de Michel Foucault. O contributo de Foucault invoca a revolta como uma experiência-limite de ruptura e não como um desdobramento detalhado de uma ideia bastante determinada do futuro (Guerra, 2020b). Devemos recordar que as experiências-limite de Foucault “não insinuam um corpo específico de conhecimentos ou um conjunto determinado de ideias ou competências”⁹ (Thompson, 2010, p. 362). Relacionam-se, sobretudo, com um arredamento de nós próprios. É evidente que as experiências-limite são investidas com expectativas cripto-normativas de mudança desejável e não indesejável (Papastephanou, 2018, p. 393).

Lugar algum

Desde 1928 a Escola de Belas Artes do Porto, hoje faculdade, ocupa o Palacete Braguinha, que tem em sua história emigrantes portugueses que regressaram do Brasil, como José Teixeira da Silva Braga. Foi seu herdeiro José Braga Júnior, vice-cônsul do Brasil no Porto, que contratou o arquiteto Florent Claes para a construção do jardim do palacete, lugar de nossa ação.

Talvez ação seja termo demasiado ambicioso para o que fizemos, mas corresponde ao desejo e horizonte que tínhamos para uma transformação daquele lugar e dos corpos que o ocuparam. Horizontes, desejos que têm mais lugar nos sonhos do que nos espaços que habitamos, no entanto, são também a força para transformar esses mesmos espaços.

Falamos de utopia, esse sem lugar, mas também falamos de heterotopia, essa utopia com lugar, de que nos falou Foucault, em sua conferência em 1967 para o Círculo de Estudos Arquiteturais de Paris. Fala que teve também lugar em textos, antes e depois da conferência. Nos apoiamos aqui na tradução do último, publicado em *O corpo utópico/As heterotopias*, em que Foucault escreve sobre esses lugares que:

São absolutamente diferentes: lugares que se opõem a todos os outros, destinados, de certo modo, a apagá-los, neutralizá-los ou purificá-los. São como que contraespaços. As crianças conhecem perfeitamente

⁹ No original: *hint at a specific body of knowledge or a determinate set of ideas or competence.*

esses contraespaços, essas utopias localizadas. É o fundo do jardim, com certeza, é com certeza o celeiro, ou melhor ainda, a tenda de índios erguida no meio do celeiro, ou então – na quinta-feira à tarde – a grande cama dos pais (Foucault, 2009, p. 417).

Em meio a esses sonhos que têm lugar marcado, Foucault também tem o de situar a ciência desses “espaços absolutamente outros” e a batiza como heterotopia. Desde o início do seu texto, não por acaso, o jardim aparece primeiro nos exemplos que vai dando. Ao enunciar os princípios para essa ciência retoma o jardim como talvez o exemplo mais antigo de heterotopia, “criação milenar que tinha certamente no Oriente uma significação mágica”. E do jardim persa ao lendário tapete voador, Foucault (2009, p. 24) estabelece que “O jardim é um tapete onde o mundo inteiro vem consumir sua perfeição simbólica e o tapete é um jardim móvel através do espaço”. Nesse texto posterior a sua conferência o jardim parece substituir o paradigma do espelho que Foucault fez funcionar no texto anterior, de apoio à conferência. O jardim pode não só espelhar o mundo, como também viajar nele. Um lugar real desse sem lugar que é a utopia, uma heterotopia móvel que estende a viagem do sonho, que prolonga o horizonte e a utopia. Ao enfatizar a mobilidade do lugar do sem lugar, o barco ganhara mais força como heterotopia de excelência na sua conclusão:

E se considerarmos que o barco, o grande barco do século 19, é um pedaço de espaço flutuante, lugar sem lugar, com vida própria, fechado em si, livre em certo sentido, mas fatalmente ligado ao infinito e que, de porto em porto, de zona em zona, de costa a costa, vai até as colônias procurar o que de mais precioso elas escondem naqueles jardins orientais que evocávamos há pouco, compreenderemos por que o barco foi, para a nossa civilização – pelo menos desde o século 16 – ao mesmo tempo, o maior instrumento econômico e nossa maior reserva de imaginação (Foucault, 2009, p. 417).

Eis o triângulo que une o início e o fim da aventura na cama dos pais quando criança, também ela envolvida no tecido dos lençóis, transporte dos sonhos, como os tapetes que espelham o jardim do mundo e essa heterotopia da excelência que é o navio.

A beleza do texto, o gosto da utopia já não esconde o assombro da distopia que o produz. Talvez possamos a partir daqui falar de heterotopias assombrosas

que estão a par, ou por outra, são o outro lado do espelho, o lado sombrio que sustenta a economia e no qual o barco se tornou o maior instrumento do século 16 ao 19. O barco a serviço do capitalismo extrativista que objetificou corpos e os escravizou a bem dessa economia. Podemos a partir de agora olhar para os jardins e para as marcas desse lado sombrio, bem como hoje elas perpetuam estruturas de opressão sobre determinados corpos. É nesse enquadramento que partimos para nossas ações.

Da fricção à ficção

Trataremos de práticas que emergiram no contexto da Faculdade de Belas Artes do Porto, a partir das tensões percebidas na fricção entre os estudantes, entre pesquisas e entre os corpos e o jardim, para procurar outras imagens, outros possíveis, abertos à imaginação, em meio aos desdobramentos das ações. Da fricção à ficção. Em um diálogo entre imagens e textos para esse estudo, consideramos três momentos de interação com grupos de convidados no jardim da FBAUP, cujos efeitos resultantes dos acontecimentos que emergiram nas práticas podem ser analisados. Podemos trabalhar a partir da interrogação “Quem são vocês?” uma vez que foi marcante a sensação de questionamento que cada grupo sentiu a partir da presença de seus corpos naquela paisagem. Presença algumas vezes desconfortável, não desejada ou não autorizada.

Adentrar aquele jardim pela primeira vez é sempre uma experiência inesquecível. Na verdade, não há quem entre no espaço da FBAUP sem, já da rua, ter entrado com os olhos na paisagem que envolve os diversos edifícios, mesmo que, por trás das grades. De alguma forma, após vencer a passagem pelo *hall* de entrada e pela segurança responsável pela instituição, qualquer criatura viva se encaminha magneticamente para o jardim. Dos estudantes imigrantes muito se ouve falar sobre esses jardins, e o que se percebe é que esses lugares não foram feitos para muitos desses corpos. Cedo ou tarde, se revelam as hostilidades que ali operam.

Devido à crise mundial que afetou Portugal a partir de 2008 a FBAUP investiu ainda mais na captação de estudantes estrangeiros, com especial atenção para os de países de língua portuguesa. O aumento de estudantes brasileiros, que se deu de forma específica entre 2000 e 2011, quando o Brasil viveu um período de forte expansão econômica, ainda se faz sentir, no entanto movido por motivos

bem diferentes – muitos esperam, hoje, encontrar em Portugal um contexto menos violento e opressor do que aquele que vivem no Brasil desde 2013.

Os três momentos que trazemos para este artigo incluem muitos corpos brasileiros e acontecem no âmbito das ações do grupo de estudos Fórum Cultural | Cidade Um Direito. O fórum foi criado em 2019 na FBAUP e propunha pensar a ‘hipergentrificação’. Foi o início de um ciclo de conversas em torno da democracia cultural e do direito à cidade.

O grupo voltou a operar após a pandemia, perguntando: o que aconteceu com a cidade enquanto ela se tornou impedida para a convivência dos corpos, e o que conseguimos investigar no presente, ainda nas reverberações dessa interrupção? O fórum entende nossa urgência de compreender melhor as desigualdades e a sobreposição de opressões e discriminações existentes em nosso contexto. Convivemos com urgências, incertezas e medos que se, de um lado, emergem, de outro, se fortalecem com invenções de novas palavras, sentimentos, corpos e estratégias que tentam dar conta de um desconhecido extremamente complexo.

De que forma esse espaço que nos interessa – o jardim – nos coloca em um lugar de poder desestabilizar um conjunto de hierarquias que permanecem em jogo a céu aberto, entre muros e grandes portões eternamente fechados? Em cada lugar em que intencionamos propor ações estético-políticas consideramos muito importante perceber o que acontece no território a ser ativado e trabalhar a partir do que emerge. A cidade do Porto é repleta de jardins e pareceu-nos interessante ir ao encontro de algo que operasse especificamente nesse, mesmo que de forma análoga aos outros, buscando suas ambiguidades.

Apesar da indefinição entre espaço público e espaço privado que esse jardim opera e por mais que existam argumentos a favor de que há um convite à visita do jardim por qualquer sujeito passante, ouvimos que muitos moradores nunca tinham tido a oportunidade de caminhar por ele. Alguns disseram que só entrariam lá se fosse para prestar algum serviço. Olhando com mais atenção revelam-se outras ambiguidades, uma vez que há “um sistema de evidências sensíveis que dá a ver, ao mesmo tempo, a existência de um comum e as divisões que nele definem os lugares e partes respectivas” (Rancièrre, 2009, p. 15). As tensões que corpos de outras geografias carregam e as lutas que operam não se tornam invisíveis ao entrar nesse jardim.

Alguns estudantes da Universidade do Porto e outros que deixaram a faculdade, foram ouvidos pelo coletivo Uma Pausa antes da ação *Aonde estão vocês?* e ofereceram respostas para o que tenta ser tornado invisível nesse fundo do jardim:

É um lugar que promove desenvolvimento intelectual, mas ninguém ali está discutindo classe social, gênero, estética? Isso é muito irônico a partir do momento que você está discutindo arte.

A sensação que eu tenho, como pessoa imigrante, de classe social mais baixa, preta e gorda, que não fala inglês, eu me sinto em um espaço excludente. De um lado há professores que te incentivam, mas ao mesmo tempo você tem um contexto hostil, porque muitas vezes você não tem as condições financeiras, de tempo e psicológicas... e a faculdade não promove nenhuma ação para além do incentivo da pesquisa, para tentar entender o contexto das pessoas que estão ali. E com isso quem consegue realmente avançar são aquelas que estão munidas de privilégios, e a instituição não está preocupada com isso.

Eu nunca vi um projeto na Belas Artes que beneficia realmente o aluno.

É uma escola que me parece apática para falar sobre discussões sociais.

Perguntados sobre como se sentem com relação às universidades, alunos que foram entrevistados deixam muito clara a decepção daqueles que esperavam poder falar dos assuntos mais urgentes que emergem no cotidiano em toda a superfície do planeta. Está claro que apontam para aquilo que os atinge mais pontualmente dentro da universidade, como as lutas antirracistas, anticoloniais e as “interseccionalidades”.

É evidente, que no fundo do jardim, por trás daquilo que aparenta um ambiente de convivência pacífica, também se escondem outras demandas dos ativismos urbanos que esperam contribuir na construção de uma universidade e uma cidade mais amigáveis. Muito se fala das Epistemologias do Sul como “proposta da expansão de possibilidades, imaginações e outros futuros para além da exaustão intelectual e política do Norte Global, traduzida na incapacidade de enfrentar os desafios deste século” (Santos, Araújo, Baumgarten, 2016); no entanto, não parece que o Sul Global esteja realmente desenhando outros mapas nesse contexto, fazendo caber o que foi excluído. Constata-se ainda que são

poucas as pesquisas que incidem sobre as práticas institucionais, as ferramentas de controle e sobre as diversas comunidades que compartilham os espaços da universidade, no caso da FBAUP. O jardim parece-nos um ponto de articulação potente para elaborar novas perguntas.

Quem são vocês?

O jardim da FBAUP é mesmo um daqueles lugares que alguns percebem não ter sido feito para seus corpos. Essa percepção originou a ação que aqui denominamos, como forma de diferenciação, *Quem são vocês?*. Esse evento aconteceu em 21 de novembro de 2021. Entre os nossos convidados para a roda de conversa tínhamos três palestrantes que fazem parte de A Soalheira – Associação Social de Cultura Ambiental. Todos vivem no Porto há mais de 50 anos. Nunca haviam entrado naquele edifício. Não é só dos estudantes a percepção de que não serão bem-vindos naquele espaço. Os três sujeitos relatam a mesma sensação de já ter passado pelo edifício inúmeras vezes “sem nunca ter sido convidados a entrar”. Sempre à espreita, olhando o jardim por fora das grades, desejando entrar.



Figura 2
Trilha das águas, atividade
oferecida pela Associação
Social de Cultura Ambiental
Soalheira, 10 out. 2021
Imagem de registro,
Bia Petrus

A Soalheira é um projeto social, ambiental e cultural sediado “numa aldeia” dentro da cidade do Porto – a Quinta da Noeda. A associação busca cativar pessoas a olhar, de pontos de vista diversos, para uma alimentação saudável, permacultura, biodiversidade e importância das sementes. Tem como objetivo manter e ligar pessoas à terra e pensar, entre outras coisas, sobre a alimentação da sociedade atual. A partir de um conceito de horta biodinâmica, com base na permacultura e biodiversidade, dando muita importância às sementes e ao ciclo total da horta, busca difundir também uma visão de alimentação saudável.

A aproximação da Soalheira com este estudo é resultante da percepção da forte presença de territorialidades híbridas na cidade do Porto. O desejo de promover encontros capazes de alargar a visibilidade do associativismo na cidade e a importância de saberes que ficam à margem da universidade é um dos objetivos do Fórum Cultura Cidade Um Direito. Nesse caso, pensar o rural integrado ao urbano, num tempo que reclama transformações urgentes em termos de (re)organização espacial e social, a partir do conceito de urbanidades no rural (Rua, 2006), é proposto como forma de resistência à homogeneização e possibilita abarcar as interações resultantes das múltiplas identidades territoriais existentes em áreas híbridas. O geógrafo João Rua (2006) define as “urbanidades rurais” como territorialidades híbridas integradas à lógica capitalista e propõe analisar interações resultantes das identidades integradas. Para o autor, é preciso destacar as diversas formas de resistência que, em movimentos sociais significativos, demandam outras representações do rural. Torna-se necessário refletir sobre os processos cotidianos que não percebem a importância das diferenças na vida cotidiana. Reconhecê-las e nomeá-las constituem o início de um processo para formular outras perguntas. Para tal é necessário encontrar modos mais sensíveis de observar e coexistir em diversidade, com as múltiplas paisagens e sujeitos que ali vivem. Em maio de 2021, em parceria com a Associação Social de Cultura Ambiental A Soalheira, nos aproximamos do Projeto Corredor Saudável Urbinat – Porto e de diversos outros projetos e agentes locais. Muitos deles estão em busca das discussões que aqui estão colocadas, a partir das propostas desta edição da revista *Arte & Ensaios*. As ações de participação cidadã propostas pelo Projeto Urbinat – Porto,¹⁰ com as quais nos envolvemos em parceria com a

¹⁰ O Urbinat concentra-se na regeneração e integração de distritos urbanos carentes. As intervenções do projeto centram-se nos espaços públicos e na cocriação, com os cidadãos, de novas relações sociais e baseadas na natureza em e entre diferentes bairros.

Soalheira, nos levaram a participar da Conferência Internacional Urbinat 2022, com a proposta de pensar as fronteiras entre a ação formal e a informal na regeneração do urbano. Nossa participação exemplificou como, em nossa busca desse modo de planejar coletivo e inclusivo, já experimentamos inúmeras tentativas e fracassos, mesmo que em projetos de pequena escala. As pequenas conquistas, no entanto, demonstram que é mesmo na tensão formal/informal que podemos encontrar algo novo a ser trabalhado.

João Rua (2006) nos permite entender a importância tanto das interações decorrentes das identidades integradas nesses territórios da periferia do Porto quanto de novas formas híbridas que emergem nessas áreas. Essa aproximação nos tem feito pensar sobre nossa (in)capacidade de reconhecer a incompletude dos conhecimentos, metodologias e conceitos que utilizamos, com a pretensão de abarcar a complexidade da vida cotidiana. Ao estimular a experimentação, a investigação crítica e a criação artística em escala local nesse contexto de hibridismo rural-urbano, buscamos acionar a troca multiescalar entre saberes especializados e populares. A partir do trabalho desenvolvido nos últimos dois anos junto à Soalheira verificamos que essas formas de “conhecimento-experiência-transformação” se engendram em copresença e promovem a transformação dos sujeitos participantes, o que configura o poder educativo-criador dessa abordagem.

Enquanto falo: planto, converso e levo ao fogo¹¹

Passemos a um segundo momento. Consideremos que o encontro aconteceu como um “efeito” do anterior, que alimentou a vontade de gerar outras imagens para esse espaço do jardim e a possibilidade de vivenciar o jardim não mais de cima, da janela da sala do Departamento de Educação Artística, mas imersos nele. O mesmo grupo da Soalheira foi convidado a voltar nesse segundo momento para interagir com outros professores e pesquisadores e para plantar a muda do sobreiro, trazida no evento anterior, mas que ainda aguardava autorização para ser plantada. Dessa vez pretendia-se desfrutar mais do jardim e para tal seria também oferecido um almoço. Usar o jardim como lugar de

¹¹ O subtítulo é inspirado na frase “Enquanto falo: lavo, pico, corto e levo ao fogo” de Gabriela Machado, pesquisadora, curadora e poeta, que apresentou sua pesquisa nesse encontro.

aula-encontro não era em si uma novidade, pelo contrário é uma prática que já havia sido utilizada inúmeras vezes em outras disciplinas. O que havia de novo? Os sujeitos, talvez. Pretendíamos ampliar a rede de participantes para além do Fórum, e aproximar o grupo da disciplina Práticas da Investigação, do curso de doutorado, de outros sujeitos e outros saberes. Uma tentativa de aproximar educação-arte-vida.



Figura 3
Plantação de muda de sobreiro, 19 fev. 2022, durante a aula-almoço “Do sussurro à fricção: um chamado às ervas daninhas entre leituras críticas e práticas insubordinadas, acima e abaixo da terra”
Fotografia: Ingrid J. Benitz V.

O primeiro momento desse encontro foi uma espécie de solenidade que previa a plantação de um sobreiro. A pequena muda fora trazida como presente da Soalheira, para ser plantada no jardim. O sobreiro é uma espécie emblemática das paisagens portuguesas e uma das primeiras árvores protegidas do mundo. De forma orgânica, sem muitas instruções ou planejamento prévio, mas a partir daquilo que emergia aos poucos no grupo da disciplina de Práticas de Investigação, outra configuração, um pouco atípica naquele território, começou a gerar novas imagens.

O segundo momento do encontro havia sido pensado para ser uma espécie de prática híbrida, aula-encontro-ação, em fricção com o jardim, numa tentativa de permitir que emergisse algo novo na forma de operar as diferentes pesquisas. E não só, mas incluindo sujeitos vindos de outros jardins numa tentativa de aproximação entre educação-vida e arte-vida. A ideia era desfrutar de boa comida e promover leituras críticas e incluir algumas práticas insubordinadas, relacionadas com o tema da diversidade. Criar uma circunstância que possibilitasse observar o que emerge a partir da crescente vinda de outros corpos para a universidade, acionando cada vez mais fricções, inquietações e tensões. Mesmo que pequenas, as mudanças e o estranhamento que essas ações causam no que está estabelecido pode ser transformador e gerar algo novo. Fazer um churrasco naquele jardim, com legumes da horta biodinâmica quase invisível no contexto da cidade, com a presença de outras existências, incomuns àquela paisagem, poderia gerar outras possibilidades?



Figura 4
Aula-almoço “Do sussurro à fricção: um chamado às ervas daninhas entre leituras críticas e práticas insubordinadas, acima e abaixo da terra”, 19 fev. 2022
Fotografia: Bia Petrus

Os temas convocados para esse encontro emergiram de tensões percebidas nos encontros do grupo. Para a maioria dos pesquisadores brasileiros que frequentam o doutorado da FBAUP, é crucial ampliar as discussões contra o projeto de poder colonial, o eurocentrismo, cisgeneridade, racismo e todas as demais lutas em torno da decolonialidade. Para sua surpresa, no entanto, não parece haver interesse proporcional no conjunto de pesquisadores portugueses. Por esse motivo, o encontro pretendia ser um cruzamento entre diversas pesquisas com foco nos seguintes temas: ervas daninhas, vozes daninhas, existências daninhas. Escuta sensível, vozes silenciadas. Constrangimentos, desconhecimento e pequenas violências. A promiscuidade como modo de operar: misturas, fricções e contágios. Normatividade, colonialidade, gênero, classes e etnias. Temas que pareciam poder se tornar mais visíveis e não menos desconfortáveis, no jardim. Parecia ser imprescindível sairmos das “mesas-brancas-demaís” das salas de aula. Precisávamos de um ambiente propício a permitir que o grupo experimentasse se sentir em segurança para tratar da constante tensão entre corpos normativos/não normativos/outros corpos; corpos estrangeiros/corpos locais/outros corpos; corpos silenciados/corpos que silenciam/corpos que consentem; outras complexidades. Performar à vontade, em torno da comida e do grupo, tornava visível outras possibilidades, a partir da diversidade dos sujeitos presentes, de um evento simples alinhado com as urgências do planeta, configurando algo além de uma aula, talvez uma configuração nova a partir de contingências.

“Aonde estão vocês?”

“Aonde estão vocês?” foi o nome dado à ação proposta pelos coletivos Epifania e Uma pausa, convidados para mais um fórum. Nesse terceiro momento a proposta foi falar de posturas discriminatórias que vêm colaborando para normalizar pequenas e grandes violências. O número de estudantes brasileiros cresce a cada ano, e as investigações e práticas que atravessam esses corpos também têm se tornado mais frequentes na FBAUP. A discussão que propúnhamos estava mais especificamente comprometida em trazer as vozes das lutas em torno dos corpos dissidentes e abrir espaço para falar sobre as barreiras e violências que eles enfrentam na cidade, na universidade e em outros espaços. O encontro se estendeu aos jardins e à rua.



Figuras 5-8
Aonde estão vocês?,
intervenção realizada nos
jardins da FBAUP, 16 dez.
2022
Fotografia: Coletivos Uma
Pausa e Epifania

A ação proposta nesse espaço singular articula corpo, gênero e sexualidade entendendo-os como construções discursivas, históricas e culturais, para propor outros modos de enfrentamentos, lutas e confrontos a partir de ocupações temporárias que não disputam “exclusivamente” as relações poder/saber no ambiente da universidade. Falamos de uma ambiência que de certa forma constrói sujeitos. E de ações de *outros* sujeitos que buscam construir *novos* jardins. As ações não podem ser classificadas como indisciplinas, mas de alguma maneira fogem do controle e das lentes do poder disciplinar.

“Livres para criar a partir da epifania: somos capazes de contribuir e interagir positivamente nos espaços onde nos encontramos e unidos somos a transformação.” Assim o Coletivo Epifania se descreve como “Movimento orgânico de artistas imigrantes e sobreviventes”. O coletivo se define como um grupo predominantemente de corpxs imigrantes, de áreas da criação e que sentiram necessidade de partilhar experiências entre si e de recriar novas narrativas através das suas próprias vivências. Por ser um lugar muito frequentado pela comunidade de jovens brasileiros, a aproximação com o grupo se deu, num primeiro momento, casualmente. Em seguida passamos a interagir em outras parcerias de projetos artísticos implicados com o contexto social, no bairro do Cerco, zona oriental da cidade do Porto.

“Podemos pausar para pensar nas estruturas de opressões sociais?” A pergunta foi elaborada pelo Coletivo Uma Pausa Teatral, após nosso convite. O grupo é uma iniciativa de Beatriz Villas-Bôas e Jaque Lodi, que têm como base o Teatro das Oprimidas. A dupla propõe “encontros artísticos horizontais e participativos, como forma de integração social e de aprendizado sobre o coletivo”. Nessa mesma linha, rejeita a postura autoritária e qualquer subvalorização de algum indivíduo. Tem como objetivo formar redes de solidariedade, dar espaço para diferentes perspectivas e estimular o diálogo para a produção de pensamentos coletivos.

Havia um interesse dos dois coletivos em fazer uma aproximação com a Faculdade de Belas Artes do Porto com o intuito de confrontar a universidade, por eles considerada elitista e excludente. Alguns participantes são alunos da universidade e outros já deixaram de ser, principalmente aqueles que durante a pandemia não conseguiram pagar as mensalidades. Alguns consideraram a proposta por achar que o jardim seria um espaço a ser disputado assim como a universidade.

Convite aceito, a mobilização começou dois meses antes do evento. O primeiro encontro de preparação foi uma discussão que contou com a presença dos dois coletivos e outros corpos que se consideram excluídos de alguns espaços institucionais. A elaboração da ação e a feitura dos objetos utilizados resultou de conversas do grupo e entrevistas prévias feitas pelas componentes do Coletivo Uma Pausa Teatral. Em alguns momentos o grupo se dividia entre aqueles que desejavam a participação no evento e aqueles que alegavam que se sentiriam ainda mais expostos. “Aonde estão vocês?” podia não ter resposta. Podia nem acontecer. Podia não revelar ninguém temporariamente “aonde” nós pensávamos que poderiam estar. A pergunta principal escolhida para o evento se referia a que sujeitos? Nas conversas iniciais pudemos verificar que vários dos participantes convidados tinham frequentado universidades em Portugal por um tempo após chegarem do Brasil, mas muitos deles haviam interrompido o projeto. As primeiras respostas que tivemos se justificavam pelo fato de a Universidade Pública ser paga e as mensalidades serem consideradas altas. Com preços diferenciados para imigrantes. O aumento das mensalidades durante a pandemia foi algo muito impactante. Revelou a condição de desigualdade e vulnerabilidade dos estudantes imigrantes. E o pouco valor dado a suas vidas. Enfim, após a fase de discussões internas, em que chegaram a questionar se queriam ou não “se expor” no evento, o convite foi aceito, apropriado e transformado em ação. Os travesseiros faziam sentido para demonstrar o desejo frustrado de poder se sentir à vontade naquele lugar sem lugar. Assim os travesseiros se tornaram suporte das frases trazidas por eles, das agressões e violências sentidas no dia a dia. Na semana do evento, o convite foi para as redes sociais:

O grupo de estudo Fórum Cultura | Cidade: Um Direito! organiza o #5 encontro tendo como convidados-proponentes os coletivos Epifania e Uma Pausa, para pensarmos em como (e se) corpos ocupam espaços de educação e convívio. A discussão se desdobrará a partir de provocações teatrais e intervenções plásticas na FBAUP. Nos vemos lá? E se sim, *Aonde (estão vocês)?*

Disponível em: <https://www.instagram.com/epifaniacoletivo/>

O vídeo para a chamada, divulgado nas redes sociais mostrava as frases sendo escritas pelos participantes, ao som da música “O chamado”, de Bia Ferreira, reproduzida a seguir:

Eu escrevo essas linhas sem medo
 De como você pode interpretar
 Um chamado, tá tudo acordado
 O bonde tá forte nós veio cobrar
 Do ouro ao conhecimento
 Não vai ter lamento e eu vou te mostrar
 Minha história é contada oralmente
 E não adiantou cê querer apagar
 De boca a boca nós vamo contando
 Um levante armando para dominar
 Seus livros, seus filmes, sua casa
 Seus filhos e a televisão que cê vê no seu lar
 Mexendo com gentes, plantando sementes
 Germinando mentes, logo vai brotar
 Vai virar floresta, não vou deixar fresta
 Pra minha história você contestar
 Entrei nas escolas e nas faculdades
 Igrejas, não vão mais me silenciar

 Aqui não é teu culto nem congregação
 Nessa mata fechada cê não vai entrar
 Fazendo esse alarde pois não sou covarde
 Não vai nem dar tempo o plano tá em ação
 É ação direta, sai da minha reta
 É mais do que só gritar revolução
 Sou psicopreta, tomei sua caneta
 Sou bem mais que teta, bunda e corpão
 Sou mente afiada, festa tá armada
 Fogos de artifício, segura o rojão”

O primeiro momento do encontro foi a instalação de alguns objetos no jardim, logo à entrada. O segundo momento foi dentro de uma sala de aula. Uma prática coletiva oriunda do teatro do oprimido. Exercícios corporais, uma roda de conversa, alguns depoimentos, uma vivência que definitivamente não esperava respostas objetivas. No final o grupo voltou ao jardim e deslocou os objetos da instalação para o muro da FBAUP. As frases com os dizeres escritos em fronhas de traveseiros eram resultantes de entrevistas prévias. Não havia sido prevista,

mas entende-se que a expansão para as ruas acrescenta força à ação vivenciada. “*Aonde estão vocês?*” foi feito de gestos, afetos e imagens sem um cronômetro a determinar tempos de fala. Uma experiência.

Considerações finais

As imagens que resultam desses acontecimentos nos ajudam a perceber o que acontece quando aproximamos arte-vida e educação-vida em práticas artísticas híbridas que friccionam o cotidiano, enquanto tornam visíveis as tensões sentidas pelos corpos nos espaços sociais que atravessamos. As observações dos efeitos dessas práticas, permitem pensar como o artístico e seus processos afetam contextos reais, transformando objetividades e subjetividades, numa ordem sensível interferindo nas relações entre sujeitos, e entre sujeito e espaço social. Se as questões emergentes que nos colocam diariamente diante dos problemas que enfrentamos como humanidade e parte do sistema vivo sobre a superfície da Terra, como a crise ambiental, social, as lutas raciais e de gênero, parecem não estar presentes nesse lugar onde pensamos fazer as ações, precisamos torná-las visíveis. Aí se coloca a urgência-necessidade das percepções que vêm sendo aguçadas em torno de discussões sobre o termo Antropoceno, como tentativa de encontrar os contornos possíveis para essa problemática. Sem esquecer que o fim pode sempre voltar ao início, pergunta-se: afinal, onde estão vocês? Entendemos que as ações podem ser vistas como formas de ampliar as invenções relativas aos modos de abordagem e as lentes sensíveis de compreensão, antes mesmo de definir todo o problema. Animados por isso, é que nos mantemos em movimento e voltamos ao barco.

O navio é a heterotopia por excelência. Civilizações sem barcos são como crianças cujos pais não tivessem uma grande cama na qual pudessem brincar; seus sonhos então se desvanecem, a espionagem substitui a aventura, e a truculência dos policiais, a beleza ensolarada dos corsários (Foucault, 2009, p. 422).

Sendo a mudança o foco da experiência-limite, tal não exclui o fato de que a mudança possa ser a adoção de posições discriminatórias; assim, para valorizar incondicionalmente a mudança, autores como Papastephanou (2018)

afirmam que ela não deve implicar a legitimação de qualquer nova posição puramente por motivos de mudança. Pelo contrário, com a elaboração deste artigo, concluímos que julgar o conteúdo utópico que atrai o investimento ético-político e libidinal é decisivo. Por vezes, apenas uma multiplicação convincente de objetos conhecidos e exposição de fatos pode nos deslocar mais drasticamente e autorizar uma reorientação normativa desejável.

A utopia é essencialmente sobre o desejo: “o pós-modernismo gira em torno de questões de desejo”¹² (Levitas, 2000, p. 33). Então, uma estética é central para a teoria pós-moderna porque os objetos de arte são alegorias do desejo, e o desejo é central para o pós-modernismo. A estética pós-moderna envolve a “transformação voluntária do corpo por ornamento, dieta, exercício e intervenção cirúrgica”¹³ (p. 34). Como Tobin Siebers argumenta, “a utopia na era pós-moderna fixou em grande parte a sua nova localização no corpo solitário, privado e individual [refletindo] a crença de que o único espaço válido remanescente de perfeição reside [...] na nossa própria carne individual: um paraíso de curvas e músculos”¹⁴ (Siebers, 1994, p. 152). A utopia – bem como a distopia – torna-se elemento catalisador de um processo em que um leitor ou um corpo se torna um agente ativo; nesse sentido, uma central desse processo é a ruptura e transgressão dos quadros normativos e conceituais da experiência cotidiana, bem como o surgimento de “um espaço dentro do qual é possível imaginar não apenas a satisfação de desejos familiares não atendidos pela sociedade existente”¹⁵ (Levitas, 2000, p. 39), mas sobretudo querer e desejar fazer algo de forma diferente.

Bia Petrus *pesquisa ações artísticas híbridas nas ruas das cidades. Integra o Grupo Arte Socialmente Implicada. Pesquisadora em educação artística FBAUP, Instituto i2ads, bolsista da Fundação Ciência e Tecnologia, Porto, Portugal.*

¹² No original: *postmodernism turns on questions of desire.*

¹³ No original: *involve the willed transformation of the body by ornament, diet, exercise and surgical intervention.*

¹⁴ No original: *a belief that the only valid remaining space of perfection lies ... in our own individual flesh: a paradise of curves and muscle.*

¹⁵ No original: *a space within which it is possible to imagine not only the satisfaction of family desires not fulfilled by the existing society.*

Referências

- ADORNO, Theodor W. *Sobre a indústria da cultura*. Coimbra: Angelus Novus, 2003.
- ADORNO, Theodor W. *Introduction to the Sociology of Music*. Trans. E.B. Ashby. New York: Seabury, 1976.
- BOLAÑOS, Paolo. The critical role of art: Adorno between utopia and dystopia. *Kritike: An Online Journal of Philosophy*, v. 1, n. 1, p. 25-31, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. *Acts of resistance: against the new myths of our time*. Cambridge: Polity Press, 1998.
- CALDER WILLIAMS, Evan. *Combined and uneven apocalypse*. Winchester: Zero, 2011.
- DANOWSKI, Déborah; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *The ends of the world*. Cambridge: Polity, 2017.
- FOUCAULT, Michel. *Estética: literatura, pintura, música e cinema*. Org. Manoel Barros da Motta. Trad. Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.
- GUERRA, Paula. Sereias distópicas: um ensaio sobre a relevância da distopia nas criações artísticas contemporâneas portuguesas. *Arte & Ensaios*, Rio de Janeiro, v. 26, n. 40, p. 393-407, 2020a.
- GUERRA, Paula. The song is still a 'weapon': the Portuguese identity in times of crisis. *Young – Nordic Journal of Youth Research*, v. 28, n.1, p. 14-31, 2020b.
- GUERRA, Paula; DABUL, Lígia. Heterotopias, distopias e artes afins. *Todas as Artes. Revista Luso-brasileira de Artes e Cultura*, v. 3, n. 2, p. 4-8, 2020.
- GUERRA, Paula; LÓPEZ, Laura. We @re the P!nk Revolutixn: the breakthrough of queer and feminist fanzines, as places of resistance. *Zines*, 3, p.2-6, 2021.
- JAMESON, Frederic. *Archaeologies of the future: the desire called utopia and other science fictions*. London: Verso, 2005.
- LAURENCE, Michael. Speed the collapse? Using Marx to rethink the politics of accelerationism. *Theory & Event*, v. 20, n. 2, p. 409-425, 2017.
- LEVITAS, Ruth. For utopia: the (limits of the) utopian function in late capitalist society. *Critical Review of International Social and Political Philosophy*, 3, p. 25-43, 2000.
- LEVITAS, Ruth. *The concept of utopia*. Hemel Hempstead: Philip Allan, 1990.
- OTT, Annelie. Utopia in environmental and sustainability education: imagination, transformation, and transgression. In: REID, Alan. *Environmental Education Research*. Taylor and Francis Online. DOI: 10.1080/13504622.2022.2102583, 2022.

- PAPASTEPHANOU, Mariana. Michel Foucault's limit-experience limited. *Educational Philosophy and Theory*, v. 50, n. 4, p. 390-403, 2018.
- RAFFESTIN, Claude. *Por uma geografia do poder*. São Paulo: Ática, 1993.
- RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. São Paulo: EXO Experimental Org., 2009.
- ROLNIK, Suely. *Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada*. São Paulo: n-1 edições, 2018.
- RUA, João. Urbanidades no rural: o devir de novas territorialidades. *Revista Campo-Território*, Uberlândia, v. 1, n. 1, fev. 2006, p. 82-106.
- SACK, Robert. *Human territoriality: its theory and history*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.
- SANTOS, Boaventura de Souza; ARAÚJO, Sara; BAUMGARTEN, Maíra. As epistemologias do Sul num mundo fora do mapa. *Sociologias*, n. 18, p. 14-23, 2016.
- SCHUDEL, Ingrid J. Modelling dialectical processes in environmental learning: an elaboration of Roy Bhaskar's onto-axiological chain. *Journal of Critical Realism*, v. 16, n. 2, p. 163-183, 2017.
- SIEBERS, Tobin Ed. *Heterotopia: postmodern utopia and the body politic*. Michigan: University of Michigan Press, 1994.
- THOMPSON, C. Education and/or displacement? A pedagogical inquiry into Foucault's 'limit-experience'. *Educational Philosophy and Theory*, n. 42, p. 361-377, 2010.
- WILSON, Japhy. Apocalypse and utopia in the salvage punk metropolis city. *City, Analysis of Urban Change, Theory, Action*, v.27, n. 1-2, p. 1-17, 2023. DOI: 10.1080/13604813.2023.2169558.
- 28 DE MAIO, Coletivo. O que é uma ação estético-política? (um contramanifesto). *Revista Vazantes*, v. 1, n. 1, p. 192-200, 2017. Disponível em: <http://periodicos.ufc.br/vazantes/article/view/20463>. Acesso em 20 jun. 2023.

Artigo submetido em março de 2023 e aprovado em maio de 2023.

Como citar:

PETRUS, Bia. Afinal, onde estão vocês? *Arte & Ensaios*, Rio de Janeiro, PPGAV-UFRJ, v. 29, n. 45, p. 423-449, jan.-jun. 2023. ISSN-2448-3338. DOI: <https://doi.org/10.60001/ae.n45.23>. Disponível em: <http://revistas.ufrj.br/index.php/ae>.